

A CARIDADE, PRIMEIRO FRUTO DO ESPÍRITO SANTO

I – Introdução

Eu já sabia. Mas agora senti-o. Experimentei-o. Não é fácil falar da caridade, o nome do amor especificamente cristão. E não é fácil, primeiro porque esta palavra se vai esvaziando do seu autêntico conteúdo, na nossa imprensa e no uso que dela se vai fazendo e generalizando. Depois, e isto será a razão primeira, em razão da sua natureza, da caridade.

Escreve o Senhor D. António Marto, na Nota Prévia com que abre uma série de estudos de Professores da Universidade Pontifícia de Salamanca, comentários à encíclica de Bento XVI “Deus Caritas est”, que intitularam “Deus é Amor”, escreve o Senhor Bispo de Leiria-Fátima, dizia, que só um génio e um santo poderia vencer e ultrapassar aquelas dificuldades, como o fez Sua Santidade, naquele monumento que é, do ponto de vista teológico e espiritual, a encíclica que nos ofereceu. Com o Santo Padre recuperou-se a beleza e a fecundidade daquela realidade – a caridade¹.

É claro, não tenho aquele talento e aquela santidade. Mas também a luta está vencida! E por isso arrisquei meter-me no assunto. Com a minha pobreza que procurei enriquecer na riqueza do escrito maravilhoso do nosso Santo Padre.

Mesmo com os dados da vitória ao dispor, confio na misericórdia de Deus, no seu amor, na sua caridade, e também na compreensão, benevolência e paciência dos meus amigos.

Trata-se, de facto de uma realidade divina – a caridade. Uma entidade divina que se fez história na história de uma pessoa, Jesus de Nazaré, Filho de Deus, e que diz respeito ao homem na sua totalidade. Em todas as vertentes da sua pessoa. Não é fácil. É grande a dificuldade

A grande vitória de Jesus, sabemos-lo, foi ter-nos merecido e enviado de junto do Pai o Espírito Santo. É ele, o Espírito, que realiza em nós o que o Filho nos mereceu na sua Cruz redentora, Sem ele, tudo ficaria confinado à sua própria humanidade, de Jesus. O Espírito Santo que derrama em nós esse amor divino. Que constitui a Igreja como uma comunidade de amor, numa unidade semelhante àquela que existe entre o Pai e o Filho no seio da Santíssima Trindade. Uma unidade que consiste na convergência do diferente, na aceitação e promoção da

1 ROJO, Jesus Garcia, *Se Deus é amor, o que é o homem?* in *Deus é Amor, Comentários à encíclica de Bento XVI “Deus caritas est”, coord. José-Roman Flecha, Coimbra, Gráfica de Coimbra – 2, 2007, p. 1*

singularidade e originalidade de cada um. Unidade por amor da qual chamou a si aqueles pescadores que encontrou junto de seus barcos no trabalho e na faina e todos os dias. Para fazer deles pescadores de homens, isto é para fazerem aos homens o que a rede faz aos peixes.

Vamos tentar entrar um pouco neste mundo. Vamos procurar ver como de um certo receio, no mundo extra-bíblico, em predicar de Deus este sentimento, tão humano e espontâneo, se chegou a identificá-lo com o mesmo amor na sua relação com os homens, na Bíblia. Como do amor circunscrito aos familiares, aos vizinhos aos membros do mesmo povo, se chegou até ao amor dos inimigos.

Histórico como é, o homem veio e vai progredindo na inteligência de si mesmo e da profundidade das suas relações consigo próprio, com o seu semelhante e com Deus. Neste caminho Deus vai estando presente activamente com a força iluminadora e inspiradora do seu Espírito., que o faz ultrapassar-se a si mesmo, e às suas próprias capacidades.

Movimentar-nos-emos no âmbito da Sagrada Escritura. Evidentemente que num tema como este, não seremos exaustivos. Fica ainda muito por dizer.

II – Do ponto de vista lexical

Vamos então tentar penetrar um pouco, no âmago desta realidade especificamente cristã que é a caridade. Penetrar na sua verdade, tanto quanto nos for possível. Penetrar no seu mistério. No mistério do amor tal como perpassa praticamente por todas as páginas Sagrada Escritura.

Começamos pelo significado lexical. Com o termo caridade traduz o nosso NT, em português, quase sempre, a palavra grega ágape que a Vulgata traduz por “dilectio” e a maior parte das vezes “caritas”. Este termo com os seus derivados, agapao e agapetos, aparece 320 vezes. Agapao 143 – em João 37 ; ágape 116 – 21 em João; agapetos 61 – 10 em João.

No grego extra-bíblico, no mundo greco-romano, havia três termos para significar essa força que brota das vísceras do homem o singulariza na criação, e que no fundo lhe comanda a vida, o amor

ERAN – É o verbo que deriva de eros e diz respeito ao amor paixão, ao amor desejo. Amor possessivo. Não contempla simplesmente ao desejo do homem pela mulher e desta por aquele, mas o desejo por tudo aquilo que pode ser possuído.

Por isso mesmo, esse amor terá sido, como opinam alguns autores, o grande motor da vida naquele mundo: da vida moral (o desejo da virtude); da vida artística (o desejo do belo); da vida filosófica (do desejo da verdade); da vida religiosa (do desejo da divindade ou da imortalidade.

PHILEIN- de philia – donde vem a filantropia. Exprime a noção de amizade, um amor desinteressado que se vive no cuidado de uns pelos outros, pelos amigos, pelos vizinhos, pela pátria. Predicava-se naquele mundo de homens cuja vontade e nobreza de coração dominava as paixões humanas.

AGAPÂN – de ágape. É usado num sentido bastante vago. Tem entretanto uma característica que o distingue: é um amor de predilecção, um amor de preferência que distingue alguém por uma especial consideração ou estima. Plotino terá usado este termo para significar o amor do Poderoso que levanta os humildes e os coloca acima dos outros.²

Aí temos um termo aberto a uma significação muito mais profunda. A preparação para a plenitude da revelação.

2 STAFFL, Mario, *Charité*, in *Dictionnaire xde la Vie Spirituelle*, Dir. Stefano DE FIORES, e Tullo GOFFI, Paris, Les Editions du Cerf, 2001, p.134.

No Antigo Testamento o amor que caracteriza a relação de Deus com o seu povo, e entre os elementos deste, traduz-se com a raiz 'hab e seus derivados. Com estes termos se dizem as relações familiares, de amizade, as relações entre o homem e a mulher, no amor profano, e as relações com Deus, amor de dimensão religiosa. É um termo abrangente, inclui todas aquelas especificidades anteriores.

Foi este termo que os gregos traduziram por agapan, nos LXX. Foi escolhido pelos tradutores eventualmente por ser o menos carregado de afectividade, por significar um amor mais sereno, mais pacífico. Martin Luther King dizia que graças a Deus, Jesus não nos mandou gostar de toda a gente, MAS mandou-nos amar.

Há ainda um outro termo para significar amor, no AT. Da raiz rhm e significa amor misericordioso que se usa quase exclusivamente para Deus. É o amor, vamos dizer assim, dolorido. Também este os LXX traduzem algumas vezes por agapan, mas a maior parte dos casos por eleeô.

Com estes termos o AT significa o amor fundamentalmente como um sentimento espontâneo, que impulsiona ao dom de si, ou, se se trata de uma coisa, impele à sua posse.

Uma força anímica inexplicável mas que compromete a pessoa toda, em todas as suas dimensões³.

No Novo Testamento, vamos ver, agapan e seus derivados vão assumir uma significação muito mais profunda. Quer para significar a relação de Deus com os homens, que a relação dos homens com Deus e entre si.

Aparece, quase sempre, para significar o amor de pessoas a pessoa. São usados muitas vezes em sentido absoluto, tanto o verbo (Lc 7,47; iJo 3,14.18; 4, 7.8.19), como o substantivo (Mt 245,12; Rm 12,9; 13, 1; ICor 8,1; !3, 1.3.4.8.13; 14,1; Fl 1,9; 2,2; IJo 4,16).

E assim se diz igualmente o amor ao próximo, o amor mútuo – allelwn – o amor ao irmão, aos inikigos, o amor de Deus e a Deus; o amor de Deus a Jesus Cristo e o amor de Jesus Cristo a nós e ao Pai (Jo 14,31)⁴.

Qual o conteúdo semântico, destes vocábulos. Vamos tentar vê-lo do Antigo para o

3 QUELL, Gottfried, STAUFFER, Ethelbert, *Caridad, in Diccionario Teológico del nuevo testamento*, Dir. Gerhard KITTEL, Madrid, Ediciones Fax, 1974, p.21

4 SCHNEIDER, Gerard, *Agape, in Diccionario Exegatico del Nuevo Testamento*, Eds Horst Balz – Gerhard Schneider, Salamanca. Ediciones Sigueme, i996, col. 27ss

III – Do ponto de vista do conteúdo semântico

A – O amor de Deus e a Deus.

1 – No Antigo Testamento

Foi ao longo da sua história que o Povo de Deus viu sentir e viveu a presença amorosa do seu Deus. Aí, na sua vida, lida pelo profeta, entendeu a relação de Deus consigo mesmo, desde o princípio, como uma relação de amor.

Amor que o acompanha, “desde quando Israel era menino (Os 11,1). Amor de que fez a experiência primeira, a grande experiência, na sua saída do Egito, da escravidão para a liberdade. E que o Senhor significou ainda e de maneira toda especial naquele que foi o seu grande dom, o dom da Lei.

Uma coisa era, de facto, trazê-lo, à liberdade, outra, mostrar-lhe o caminho que deveria seguir se, eventualmente quisesse em liberdade, caminhar para a terra da liberdade. Era a lei, esse caminho. A vontade de Deus revelada. É à volta desta lei que aquela gente se constituiu como um povo no contexto de outros povos. Naquilo que o aproxima e distingue de todos os demais povos da terra. Um povo senhor dos seus destinos. Foi a sua constituição.

“A história do amor de Deus para com o seu povo, escreve Bento XVI, consiste, na sua profundidade, no facto de Ele dar a Thora, isto é, abrir os olhos de Israel sobre a verdadeira natureza do ser humano e lhe indicar o caminho, a estrada do verdadeiro humanismo “⁵.

Amor que tendo como objecto, inicialmente, toda a colectividade, o povo vai sentir, especialmente durante e após o exílio da Babilónia, como amor a cada um, a cada pessoa, personalizado, amoldado a cada um, à sua situação, à singularidade da sua vida (X Léon col 38.

Absolutamente gratuito, trata-se ainda de um amor paciente, tolerante, persistente, que resiste a toda a espécie de traições e fugas da parte do seu povo. Que inclusivamente fez ver nos castigos a expressão da sua predilecção aqueles que trouxe até si. Amor que nessas circunstâncias se torna misericordioso. Não se zanga, o Senhor, diante da infidelidade do seu

5 IGREJA CATÓLICA, Papa, 2005..., Bento XVI, *Deus caritas est* (Encíclica 2005, nº 9)

povo. Fica triste e fica com medo que aqueles que criou para si “Vistes o que fiz aos Egípcios, e como vos tenho trazido sobre asas de águia para junto de mim” (Ex 19,4), se percam por caminhos ínvios que não os da sua vontade. Os da Lei, da vida. Ele sabe de que somos feitos, dirá o salmista (Sl 103,13.14 “Sabe que somos pó, que somos semelhantes à erva.. que se vai com o vento. Ele perdoará... é misericordioso”).

O Povo de Deus vai progredindo na inteligência deste amor. Se o estende primeiro a estrangeiros, mas ainda desde que sejam integrados no povo, já às portas do NT vai entendê-lo como um amor a outros povos “Disse-lhe Deus (a Jonas): ‘Sentes pena de uma mamoneira (rícino) que te não custou trabalho algum para a fazeres crescer, que nasceu numa noite e numa noite pereceu! E não hei-de eu compadecer-me da grande cidade de Nínive?’” (Jn 4,10-11), e mesmo a toda a criatura “Tu, Senhor, amas tudo quanto existe, pois se odiasses alguma coisa, não a terias criado. E como subsistiriaa uma coisa se tu a não amasses?!” (Sb 11,24-25).

Deste amor cheio de compaixão e ternura, deste amor materno com que Deus ama o seu povo, fala-nos o profeta Oseias de maneira ímpar, quase sublime:

“O meu povo é inclinado a separar-se de mim,
Convidam-no a subir para o altíssimo
mas ninguém procura elevar-se
Como poderia eu abandonar-te, ó Efraim,
Ou trair-te, ó Israel?
Como poderia eu tratar-te como Adama,
Ou tornar-te como Seboim?
Meu coração revolve-se dentro de mim
Comovo-me de dó e compaixão.
Não darei curso ao ardor da minha cólera,
Já não destruirei Efraim
Porque eu sou Deus e não um homem
Sou o santo no meio de ti”. (Os 11,7-9)

É assim que o profeta diz o amor divino. Resiste a tudo. Às traições e infidelidades. Brota da própria essência de Deus, das suas entranhas, como força original e irresistível. É exactamente aí e por aí que se revela como Deus e como Santo. Por isso sofre com o desamor dos seus. É o “sofrimento de Deus” que se perfila. Que vinha apontado simbolicamente já no episódio de Abraão que leva Isaac para o sacrifício (cf Gn 22).

Amor criativo, amor de eleição, amor sponsal, exige reciprocidade, resposta do homem. Atinge o seu clímax, de facto, na convergência, no casamento, dos amantes.

A conclusão da aliança que Deus, por sua misericórdia, propõe ao seu povo, pede e sela esta reciprocidade.

Ao Deus que o criou, ao Deus que o libertou, o acompanha e guia, o povo compromete-se a obedecer cumprindo as cláusulas da aliança que lhe é proposta, a Lei. Daí fica dependente a sua vida ou a sua morte.

Esta resposta do homem, a esse amor gratuito exprimir-se-á em actos de obediência e adoração (Dt 11,13; 19,9) que supõe uma escolha radical uma entrega total ao seu Deus (X leon col 38). Na vida cultural e na vida ética. Chamado a resistir a todas as provas (Dt 13,3s “Se entre vós aparecer um profeta ou um visionário, mostrando-te um sinal ou um prodígio; se se realizar o sinal ou prodígio que te anunciou e ele te disser: Sigamos os deuses estrangeiros – que não conhecias – e adoremo-los, não ouvirás as palavras desse profeta ou desse visionário porque o Senhor, vosso Deus, vos põe à prova para verificar se realmente o amais com todo o vosso coração e com toda a vossa alma”), a permanecer apesar de tudo, de todas as aparências, tantas vezes, em contrário.

Se o amor de Deus implica todo o seu ser, a resposta do homem compromete-o igualmente em todas as suas dimensões “Amarás o senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (Dt 6,5).

Se o de Deus aparecia como incompreensível, a exigir a fé, o do homem, também ele, ultrapassa todas as possibilidades e capacidades, de compreensão e actuação. Não é possível sem uma intervenção de Deus, já o dizia o Deuteronomio que o prescreve.

Poderá este amor ser assim prescrito por uma lei? Este ou qualquer amor? Não simplesmente em razão da sua grande exigência mas ainda e sobretudo da sua própria natureza?

O interesse do legislador é regular a vida social, sabe que não é fácil como sabe muito bem que toda a prescrição que se oriente nesse sentido só tem valor a meias, quando a prescrição é de natureza legal, e que toda a ideia de autoridade actua sempre de maneira dissolvente da comunidade Por isso recorre à paradoxal ordenação do amor quer o faça com conhecimento quer com desconhecimento da monstruosidade”⁶.

Foi exactamente a experiência da incapacidade do povo que levou os profetas a projectarem-se para o futuro, para um tempo, um tempo novo, em que Deus criará em cada um a capacidade para lhe responder e corresponder ao seu amor.

O profeta acredita na fidelidade de Deus à sua promessa. De salvar o seu povo, de o

6 QUELL o. c. p. 31

levar a bom termo na sua peregrinação, de o fazer entrar mesmo na terra da promessa, na terra da vida, da paz, da segurança, e do repouso absoluto. E nunca o faria sem ou apesar daqueles que quer junto de si. Por isso anuncia uma aliança nova. Então a lei já não será dada em tábuas de pedra. Será inscrita nos seus corações, que serão transformado de corações de pedra, duros, em corações de carne, meigos e obedientes (c. Jr 31,33s; Ez 36,26).

É a esperança que se abre para um este povo, a esperança do regresso ao seu criador e libertador à sua própria verdade.

2 – No Novo Testamento

No Antigo Testamento o amor de Deus revelara-se numa sequência de acontecimentos. Factos da história do Povo que os profetas foram lendo, desvelados no seu significado mais profundo. Nas recusas e traições do povo. Em desilusões e sofrimentos, contrariedades de todo o género.

Agora, nestes tempos que são os últimos, esse mesmo amor revela-se num acontecimento único, torna-se historicamente visível numa pessoa, Jesus de Nazaré, Filho predilecto de Deus (Mc 1,11; 9,7). Naquele Jesus crucificado no qual Paulo, primeiro, viu o maldito de Deus que perseguia na pessoa daqueles que O seguiam, naquele Jesus crucificado em quem o Espírito Santo prometido e enviado fez ver ao Apóstolo e a nós a expressão maior do amor de um Deus que ali se revela como Pai apaixonado pelos homens que criou para si.

Naquela cruz que é o culminar de uma vida dada no serviço amoroso dos outros. Dos doentes e dos pobres. Dos marginalizados e dos pecadores. De todos, porque passou pela terra a fazer o bem sem nunca fazer acepção de pessoas. Aceitou à sua mesa, fariseus e publicanos. Muitos dos que se consideravam santos e outros tantos que a opinião dominante rejeitava e acusava de pecadores ou pecadoras.

A cruz onde num só acto significou e viveu até ao dom de si, o amor obediencial ao Pai, e em comunhão com Ele, a paixão pelos homens que lhe fugiam.

Ele, Jesus é o dom do Pai, o grande e definitivo, ou, se quisermos o dom que o Pai faz de si mesmo. Porque dando-o não dá algo que lhe seja exterior, mas o filho, aquele que O explica como Pai.

É um mistério de amor aquele madeiro levantado no monte, naquela montanha da doação amorosa de si que quis subir. É aí que se constitui rei. É aí que, acolhido pelo Pai, dele recebe todo o poder no céu e na terra “Todo o poder me foi dado no céu e na terra” (Mt 28,18).

A consumação do diálogo entre Deus e o Homem. N'Ele o homem entrega-se todo a Deus e, n'Ele Deus dá-se todo pelo homem e ao homem. A aliança perfeita. A Nova e definitiva. O casamento acabado a comunhão salvadora entre Deus e a humanidade, que perdoada, n'Ele é reconciliada com o Pai, e no Pai consigo mesma. É a salvação. A nova era que começa, os tempos da salvação que se iniciam. Os novos céus e a nova terra prometidos por Isaías (65,17). O tempo novo.

Ali alcançou Deus o homem que procurava no seu amor infinito (Ef 1,3-4) de acordo com o seu desígnio concebido desde toda a eternidade, ali alcançou, o homem, a Deus de quem tinha sede como de água tem a terra ressequida (Sl 63,2ss). Ali ambos ficam saciados na sede que os devorava. A paz do homem! A paz de Deus!

Ali nasce o novo povo. Deste êxodo inaudito e inimaginável. E nasce constituído por quantos se deixam atrair por aquele amor, se deixam apaixonar. Será um amor a redescobrir, a reencontrar, na busca de renovação desse Povo Novo. No objectivo de um anúncio com mais entusiasmo e mais ardor, e de maneira sempre nova. É a Nova Evangelização pela qual nos propusemos enveredar com a Missão 2010 que, queremos, continuará.

A nova lei. É a do Espírito que é Espírito de amor. Que mostra o caminho e que dá força para o seguir.

Em Jesus, Deus e Homem, vive-se, pois, esse mistério profundo do amor, na sua reciprocidade, naquela reciprocidade a que todos os homens, n'Ele enxertados pela fé e pelo baptismo, são chamados a dar expressão existencial (Rm 6,4 "A vida nova" de que fala Paulo, a que é chamado o baptizado").

Nesta comunhão, estaremos onde está Jesus. Nesta comunhão de amor, que se vive na obediência à sua palavra, no cumprimento do seu mandamento "amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (Jo 13,14). Será na prática desta vontade de Jesus, que, n'Ele, viveremos o amor ao Pai. De facto aquele que ama o Filho, ama e é amado pelo Pai. E àquele a quem ama o Pai vem e estabelece nele a sua morada. Voltaremos a esta comunhão Trinitária a que o homem é elevado.

Se é verdade que amar a Deus significa, sentir-se diante do Pai como um servo, à disposição do seu senhor (Lc 17,7), obediente, e submetido à sua soberania (Mt 6,33), também é verdade que significa colocar n'Ele o fundamento de toda a existência, confiar n'Ele sem reservas.⁷ Descobrir e sentir n'Ele a beleza e a alegria da vida.

7 QUELL o. c. p. 108-109

B – Amor ao próximo

Perguntou, um dia, um jornalista, ao então Cardeal Ratzinger o que é que Deus quer de nós. O Cardeal respondeu, o que Deus quer de nós é que nos amemos, pois amando-nos somos semelhantes a Ele.

E é nesta relação amorosa com os outros que o homem vive a sua relação com Deus. Ser plural e pessoal como é, o homem precisa de um “tu” para descobrir o seu “eu”. Precisa do outro para se encontrar, para tomar consciência de si, na construção da sua própria originalidade e singularidade. Não é bom que esteja só. Só o homem não é.

E Deus é também um “tu” para o homem, quer dizer que também Deus, o Deus que o chama à existência, entra na auto compreensão do homem que assim vai crescendo na sua relação com Ele.

Que nos amemos uns aos outros, foi a resposta de Ratzinger, foi a leitura para aquele jornalista que o interrogava, da palavra de Jesus aos seus apóstolos no cenáculo, após o lava-pés, naquele momento alto e solene que antecedia a sua morte, já Judas se tinha retirado, para O trair:: “Dou-vos um mandamento novo: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,34).

Também aqui Jesus se coloca na esteira do Antigo Testamento. Ele não veio abolir a lei, mas levá-la à sua perfeição.

Já no Primeiro Testamento, é verdade, este dever do amor ao próximo fazia parte da lei. Entretanto era um mandamento, esse, apresentado com muito menos solenidade que o do amor a Deus. Compare-se a solenidade de Dt 6,4s “Escuta Israel! O Senhor é o nosso Deus! O Senhor é único! Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tua forças”, com a simplicidade de Lev 19 “Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor. Apesar de toda esta diferença, já então se ia entendendo que ofender o irmão era ofender a Deus (Gn 4,9s), que a experiência do amor de Deus se juntava com a do amor ao próximo (Ex 22,20-25) e que se esse amor tinha preferências, era pelos pobres e pelos mais necessitados, pelos estrangeiros e pelos escravos; recordem-se, por exemplo as

recomendações para a celebração do ano Jubilar, e do ano sabático (Ex 23, 10-31; Lv 25,1-59). O perdão das dívidas. A libertação dos escravos...). O homem a caminhar para a verdade a que Deus o fará chegar.

Onde estará pois a novidade que Jesus reivindica para “o seu mandamento”, para esse mandamento que identificará os seus discípulos?

Avançaremos com alguns aspectos dessa originalidade e singularidade, aqueles que saltam mais aos olhos.

Novo porque Jesus o diz absolutamente inseparável do amor a Deus. Os dois constituem uma única regra de vida. A regra de vida. E será por referência um ou outro que cada um se entenderá.

Se é mentiroso aquele que diz que ama a Deus e não ama o próximo (1Jo 4,20,21), também é verdade que reconheceremos que amamos os filhos de Deus se O amamos a Ele e cumprimos os seus mandamentos (1Jo 5,2-3).

Quer dizer que um reclama o outro, para a sua verdade. Não é mais possível esquecer, abandonar, ou agredir um irmão, física ou moralmente sem ofender a Deus, e muito menos por amor d’Ele. Nem amar a Deus sem amar o irmão.

É novo o mandamento quanto à extensão do seu objecto, daqueles que devem ser amados. Antes, próximo era o familiar, do mesmo povo, o judeu, nunca o samaritano e muito menos o pagão, ainda que já se comesse a sentir uma certa abertura à universalização quando se recomendava em relação ao estrangeiro, por exemplo. Deus vai dizendo o homem vai ouvindo.

Interrogado exactamente sobre quem é o meu próximo, Jesus vai inverter o caminho para encontrar a sua definição. Se o interlocutor parte do “eu”, Jesus vai dizer que é do “tu”, do outro, que deve partir. É uma criação do teu amor, o próximo, da tua sensibilidade e simpatia. Tu é que te deves fazer-te próximo daquele que está em dificuldade. Que precisa. Tu é que te deves deixar atrair, que te deves deixar puxar, pela dor, pela infelicidade daquele com quem te cruzas no caminho. Seja quem for. Amigo ou desconhecido. Da tua gente ou de fora. Co-nacional ou estrangeiro.

Até o inimigo. O que diz mal de ti. Que te ofende. Que te agride. Até este deves amar, até a este deves socorrer, até a este deves perdoar, até com este deves usar de misericórdia, até por este deves rezar e pedir ao Pai. Aqui se aprofunda a novidade a níveis impensados, quase inaceitáveis. Aqui a mais-valia. A singularidade e a originalidade cristã. Morrer por amor quem nos mata.

Não tem limites, nem aqui.

E também é novo, o mandamento, na intensidade de amor que propõe. “Como eu vos ame”i. À medida de Jesus, isto é sem medida, até dar a vida, se tal for necessário. Não há maior amor do que dar a vida por aquele que se ama (Jo 15,13). Modelo esse amor, de Jesus é a sua razão, é a sua fonte.

Estamos no âmago da identidade cristã. É grande a exigência. É para os violentos. “Combati o bom combate da fé” (1Tm 6,12), dirá Paulo ao terminar a sua vida. “Ao vencedor darei...” Ap 2,7.11 etc.) Os bem-aventurados estão com palmas na mão, em sinal de vitória na visão do Apocalipse (Ap 7,9). Muitos terão ficado assustados. De facto já no próprio Deuteronomio se dizia não seria possível sem uma ajuda de Deus, como já referimos.

Mas também Jesus nos conhece, também Jesus sabe de que somos feitos (SL 103,14). Ele sabia o que pedia. Ele não nos deixou sós, não nos deixou órfãos, entregues a nós mesmos, às nossas fragilidades e fraquezas.. De junto do Pai enviou o Espírito Santo. Ele vem em nossa ajuda e mais do que isso e por isso ou para isso, ele vem transformar-nos, iniciar-nos numa vida nova. N’Ele e por Ele nascemos de novo. Vai tornar-nos filhos de Deus. Capacitar-nos para o impossível. Vai ser em nós um novo princípio de vida.

Perdoando-nos os pecados, na experiência da beleza e alegria do perdão ele vai abrir o crente ao amor. Ao amor em absoluto. A Deus. Ao próximo (Lc 7,47)

E mais, esse amor derramá-lo-á no nosso coração Rm 5,5) . O amor de Deus, o amor com que O Pai ama o Filho, e o Filho ama o Pai. ⁸

Vai ai modelar o nosso coração para amar como Deus ama. Para amar como Jesus amou ⁹.

E aqui estará a verdadeira novidade do mandamento de Jesus. A novidade que confere verdade a quanto acabamos de dizer. A novidade de todas as novidades. Esta é a palavra do Santo Padre Bento XVI, neste seu último livro que nos ofereceu, Jesus de Nazaré Parte II: “O essencial precisamente nestas palavras não é o apelo a uma prestação máxima, mas o novo fundamento do ser que nos é dado. A novidade só pode derivar do dom da comunhão com

8 DE GENNARO, Giuseppe. SDALZER, Elisabetta C., *Litteratura mística. San Paolo místico*, Cittá del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1999, p.307

9 IGREJA CATÓLICA, *Deus caritas est*, nº19

Cristo, do viver N'Ele¹⁰.

“O que Paulo diz nas suas cartas sobre a caridade é o postulado das suas ideias e da vivência sobre o homem novo em Cristo”.¹¹

Amando como Jesus, amando neste “ser com Ele”, o crente entra na intimidade da própria SS Trindade, na intimidade de Deus.

É este amor que é próprio de Deus e que o define na sua relação connosco, como diz o Apóstolo que Jesus amava, que informa toda a nossa vida, em todos os seus gestos. Que lhe confere dimensão eterna, dimensão sobrenatural. Que faz com que tudo valha. Se não tiver caridade de nada me vale (1Cor 13,1ss). É realmente um tempo novo, este, o nosso.

A caridade é assim como que um caminho que Deus coloca nosso coração. Uma estrada a percorrer que o Senhor nos abre na sua misericórdia, e que somos chamados a tornar visível na nossa vida.

“Fruto do Espírito, como se vê, não se trata apenas de uma boa vontade, de uma boa disposição, um mero querer fazer o bem e não o mal, uma disposição ética a favor da humanidade desfavorecida. A caridade depende do Deus de amor; a fonte é sempre Deus e o seu Filho Jesus Cristo. Apanha o homem na sua totalidade, corpo e alma, fé e obras, vida interior e vida exterior. É a marca da vida de fé em acção”¹²

É assim e por aqui, que o cristão desce ao mundo, desce à história, à vida. Se faz presente ao seu semelhante. De acordo com a novidade de cada situação. No tempo próprio e de maneira adequada.

De acordo com a natureza da situação e das dificuldades pressentidas. Sabe estar junto de cada um, respeitando-o na singularidade da sua pessoa, e da sua situação. A necessidade da atenção à vida, à história.

Assim o nosso Deus, como que prolonga o mistério da Incarnação. Continua a ser, nos seus, nos verdadeiramente seus, escândalo para uns e loucura para outros.

A vida da Igreja, a sua natureza íntima, exprime-se, sabemo-lo, num tríptico dever: no

10 RATZINGER, Joseph, BENTO XVI, *Jesus de Nazaré, Parte II, Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Lisboa, Princípia, 2011 p. 61

11 DAS NEVES, P. Carreira, *Sãp Paulo dois mil anos depois*, Lisboa, Editorial Presença, 2011, p.168

12 DAS NEVES, o.c. p. 171

serviço da palavra, no serviço da liturgia, no serviço da caridade. Este amor ao próximo, este serviço da caridade, é a garantia da verdade e autenticidade do que ela diz, da sua palavra, e é a dimensão existencial do seu culto, da sua oração, sem o que se ficaria por um ritualismo oco, sem qualquer valor.

É de facto, o amor a alma da Igreja, constituída de resto por quantos se deixam atrair pelo amor revelado em Jesus, se deixam apaixonar por ele. “Para a Igreja, a caridade não é uma espécie de actividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é a expressão irrenunciável da sua própria essência”¹³

É única esta instituição, a Igreja. O seu interesse, único, é o bem de todos. Sem esperar nada, nada que não seja a felicidade daquele para quem existe.

Vale a pena

IV – Conclusão

Vamos concluir. Não sei se há muito que concluir. Retomamos simplesmente algumas ideias que fomos desenvolvendo. Percebemos todos, acreditamos, a caridade é uma realidade divina. Uma propriedade de Deus e que O define na sua relação com os homens. Derramada nos nossos corações eleva-nos à vida da Santíssima Trindade, capacita-nos para amar como Jesus amou. Nela amamos. Somos amados e somos chamados a amar. Dá valor sobrenatural à vida toda, nos seus gestos, os mais simples.

Ela é a verdadeira substância da relação pessoal com Deus e com o próximo que, vivida (doutro modo não se entende, não é) contribui para a edificação daquela caridade universal de Deus que é a meta para onde caminha a história da família humana¹⁴ É por ela que o desenvolvimento a que todo o homem aspira e por que luta, e a que tem direito atinge a sua finalidade na construção autêntica do homem, ou do homem autêntico.¹⁵

13 IGREJA CATÓLICA, *Deus caritas est*, nº 25

14 IGREJA CATÓLICA, papa 2005., Bento XVI, *Caritas in veritate*, (Encíclica, 2009) nº 7

15 *Ibidem*, nº 11

BIBLIOGRAFIA

ROJO, Jesus García, *Se Deus é amor, o que é o homem?* in *Deus é amor*, Comentários à Encíclica de Bento XVI “*Deus caritas est*”, cord. José-Roman Flecha. Coimbra, Gráfica de Combra – 2, 2007

WIÈNER, Claude, *Amour*, in *Vocabulère de Theologie Biblique*, Dir. Xavier Léon-Dufor, Paris, Les Editiond du Cerf, 1966

SCHNEIDER, Gerhard, *Agape*, in *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*, Eds. Horst Balz – Gewrhard Schneider, Salamanca, Editiones Sígueme, 1996

SBAFFI, Mário, *Charité*, in *Dictonnaire de la Vie Spirituelle*,Dir. Sefano DE FIORES E Tullo GOFFI,Paris, Les Editions du cerf, 2001

QUELL, Gottfried, STAUFFER, Ethelbert, *Caridad*, in *Diccionario Teologico del nuevo Testamento*, dir. Gerhard Kittel, Madrid, Ediciones Fax, 1974

IGREJA CATÓLICA, Papa, 2005..., Bento XVI – *Deus Caritas est*, (Encíclica 2005

IGREJA CATÓLICA, Papa, 2005..., Bento XVI, *Caritas in veritate*, (Encíclica 2009

RATZINGER, Joseph, Bento XVI, *Jesus de Nazaré, Parte II, Da Entrada a Jerusalém até à Ressurreição*, Parede, Principia, 2011

DE GENNARO, Giuseppe, SDALZER, Elisabetta C., *Litteratura mistica: San Paolo Mistico*, Citta del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1999

DAS NEVES, P. Carreira, *São Paulo, dois mil anos depois*, Lisboa, Editorial Presença, 2011

RAVASI, Gianfranco, *Amor*, in *Nuevo Diccionario de Teologia Biblica*, Dir. . F. Rossano, G. Ravasi, A. Girlanda, Madrid, Ediciones Paulinas, 1990